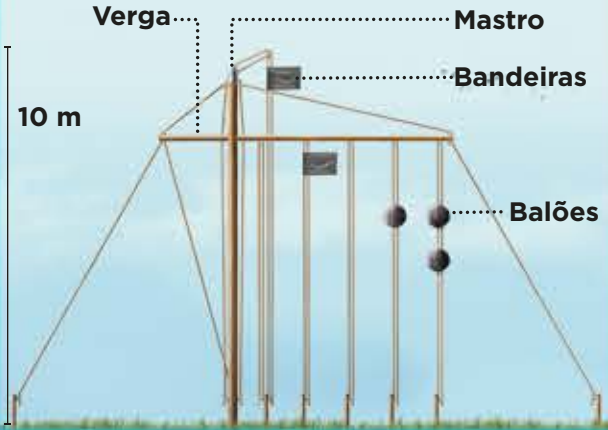


As Comunicações nas Linhas de Torres Vedras

Uma rede telegráfica visual permitia uma rápida transmissão de mensagens entre a costa atlântica e o rio Tejo. Nas Linhas de Torres Vedras utilizaram-se telégrafos de balões (ingleses) e de ponteiro (portugueses).

Telégrafo de balões (inglês)

O equipamento de balões utilizado nas estações telegráficas das Linhas de Torres Vedras era operado por 5 homens. Compunha-se de um mastro e de uma verga, da qual se suspendiam balões pretos, dispostos de modo a formar sinais correspondentes a mensagens. O código utilizado era baseado no da marinha inglesa, acrescido de expressões destinadas ao serviço em terra. O sistema permitia transmitir uma mensagem simples entre o Tejo e o Atlântico, em escassos 7 minutos.



Telégrafo de ponteiro (português)

Operado por um só homem, o telégrafo português era constituído por um ponteiro giratório, aplicado no topo de um mastro vertical. O operador, de olhos postos numa luneta fixa ao mastro, observava e fazia os sinais, movendo com a mão esquerda uma manivela que fazia girar o ponteiro e usando a mão direita para anotar a mensagem. Com apenas 8 sinais, era possível compor mais de 60 000 palavras e frases.



Rio Sizandro

O rio Sizandro teve um papel importante na defesa do flanco esquerdo da Primeira Linha, entre a sua foz e Torres Vedras, a zona menos fortificada. Próximo da localidade de Ponte do Rol construíram-se pequenas represas que terão resultado no alagamento de uma parte significativa do vale, favorecido pelo inverno particularmente rigoroso de 1810-11, criando um obstáculo ao progresso das tropas francesas no terreno.

Forte do Passo

Bem próximo da costa e com uma vista privilegiada sobre o Atlântico, o Forte do Passo fazia parte do dispositivo de defesa do troço noroeste das Linhas de Torres Vedras. No seu interior, subsistem as ruínas de um antigo moinho, que poderá ter sido utilizado como paiol.

OCEANO ATLÂNTICO



Torres Vedras 1807-1810

De 6 de dezembro de 1807 até ao final de maio de 1808, estiveram estacionados na vila de Torres Vedras 2 regimentos de infantaria francesa, com cerca de 3 000 soldados, sob o comando do brigadeiro Charlot, que a população foi obrigada a alojar e alimentar. Mais tarde, durante a 3.ª invasão, a vila suportaria novamente o peso do exército, desta vez o britânico, comandado pelo general Picton.



Moinhos de vento do Forte de S. Vicente

Tal como noutros Fortes das Linhas, os moinhos de vento integrados no Forte de S. Vicente foram desmantelados e transformados em paióis, destinados ao armazenamento de pólvora e munições. Os seus proprietários foram indemnizados no valor correspondente ao rendimento que deles retiravam.

Porto Aveiro Leiria Caldas da Rainha

Forte de S. Vicente

Construído em 1809, o Forte de S. Vicente, uma das maiores fortificações de todo o sistema defensivo, estava munido de 26 peças de artilharia e de um contingente militar de 2 000 a 2 200 homens, podendo acolher cerca de 4 000 soldados. Formado por 3 redutos, tinha como função defender a vila de Torres Vedras e os seus acessos, juntamente com o Forte da Força, o Castelo, a bateria de S. João e a bateria da Cruz. O seu traçado poligonal permitia o fogo cruzado e com maior amplitude, cobrindo todo o terreno envolvente. Possuía no seu interior um telégrafo ótico, para uma rápida comunicação com o Forte do Grilo, próximo do Atlântico, e com posto de central de comunicações da Serra do Socorro.



Paiol

Local destinado ao armazenamento de explosivos e munições.

Fosso

Obstáculo escavado à frente do parapeito, delimitando a obra militar, com o intuito de dificultar a aproximação do atacante.

Ermida de S. Vicente

A ermida de S. Vicente terá sido mandada edificar no século XII por D. Afonso Henriques. Atualmente acolhe o Centro de Interpretação das Linhas de Torres Vedras.

Estrada Real n.º 61

A antiga Estrada Real n.º 61 (atual Estrada Nacional n.º 8), que atravessava Torres Vedras, constituía um dos principais acessos a Lisboa, sendo primordial a sua defesa. A entrada na vila era protegida por um conjunto de fortificações dispostas em triângulo: Forte de S. Vicente, Forte da Força e Castelo.

Forte de Olheiros

É o ponto mais a norte da Primeira Linha de Defesa de Lisboa, entre Alhandra e a foz do rio Sizandro. Defendia o flanco ponte do Forte de S. Vicente e o vale do rio Sizandro, juntamente com o Forte do Grilo e os 3 Fortes levantados na serra do Varatojo.

Casal Vale da Azenha

Casal Vale de Canas

Ermida de S. Vicente
Centro de Interpretação das Linhas de Torres Vedras

Forte da Força

TORRES VEDRAS

Castelo de Torres Vedras

PONTE DO ROL

S. PEDRO DA CADEIRA

Forte do Grilo

Este Forte defendia o vale do rio Sizandro e a estrada de ligação a Mafra. A face norte foi acentuadamente escarpada, de forma a impossibilitar a aproximação das tropas inimigas. Albergava uma estação telegráfica, através da qual se fazia a comunicação com o Forte de S. Vicente.

VENTOSA

Arneiros

Cova da Moura

Chãos

FREIRIA

TURCIFAL

Forte da Archeira

Com uma guarnição de 500 homens e munido de 6 bocas-de-fogo (calibre 12), o Forte da Archeira, também conhecido como “Cheira”, defendia os vales de Runa e da Ribaldeira, sob o comando, respetivamente, do Barão d’Eben e do General Spencer.

RUNA

MATACÃES

CARVOEIRA

CARMÕES

Combate de Dois Portos

DOIS PORTOS

Feliteira

Zibreira

Lisboa Loures

LEGENDA

- Informação turística
- Centro de Interpretação das Linhas de Torres (CILT)
- Edifício Religioso
- Estação de Comboios
- Forte